

# *A Sede da Fundação* DE FÁBRICA A MUSEU

**Da Praça do Comércio a Belém, a margem direita do Tejo era, no século passado,**

uma sucessão de pequenas praias que deram origem ao Cais do Sodré, Boa Vista, Santos, Rocha, Alcântara, Santo Amaro, Junqueira e Belém. Após um surto epidémico sofrido em Lisboa entre 1855 e 1857, o Governo da época decide melhorar os acessos das embarcações às margens e eliminar as zonas insalubres da cidade, provocadas pelos lodos das marés.

Esta decisão teve especial relevância na zona da Boa Vista, tendo sido decretada a construção de um cais geral e aterro entre Ribeira Nova e a Praia de Santos, designado de aterro da Boa Vista. Em 1852, o Ministério da Obras Públicas cria o Instituto Industrial de Lisboa, mostrando a preocupação do ministério de Fontes Pereira de Melo no desenvolvimento industrial do País. O seu director, Vitorino Damásio, foi encarregue de dirigir as obras do aterro, e entre 1858 e 1859 foram construídos, até à Praia de Santos, 700 metros de paredão para desembarque. E é neste contexto histórico que surgem as duas ruas onde hoje está situado o edifício da Fundação Portuguesa das Comunicações: a Rua

D. Luís I e a Rua do Instituto Industrial. Ambas as ruas foram baptizadas, após a conclusão do aterro da Boa Vista, pelo vereador João Carlos Nunes, em 1865.

Historicamente, a zona circundante ao edifício da Rua D. Luís I tem uma ligação muito forte com as actividades marítimas, onde estaleiros e armazéns conviviam com oficinas e pequenas indústrias. Refira-se que, quando a casa Vaultier construiu a sua fábrica, hoje Sede da Fundação, foram encontrados restos de cais e escadas nas escavações.

## **A FUNDAÇÃO PORTUGUESA DAS COMUNICAÇÕES**

Foi instituída no dia 6 de Outubro de 1997 e teve como membros fundadores o Instituto das Comunicações de Portugal (ICP), os CTT, Correios de Portugal e a Portugal Telecom. Do seu património, fazem parte dois terços do edifício da antiga fábrica da Vaultier, a sua nova sede. O material e equipamento histórico ligado às Comunicações é propriedade dos Instituidores e está à guarda da Fundação, ocupando não só este edifício como outros locais: um depósito na Rua do Açúcar e outro na Rua Visconde de Santarém.

Promover o estudo, conservação, e divulgação do património histórico, científico e tecnológico no domínio das Comunicações foi um dos objectivos mais importantes da criação da Fundação. A ela cabe ainda realizar actividades de investigação, cooperação e de imagem, difundindo a evolução histórica e as novas tecnologias do sector.

Assim, é da sua competência proceder à instalação e manutenção de um Museu de Ciência e Tecnologia das Comunicações. A divulgação científica através da publicação de estudos e o apoio ao desenvolvimento de instituições de ensino e investigação na área das Comunicações é outro dos objectivos principais da actividade da recém-fundada instituição.

As alterações ao edifício sede da Fundação foram unicamente interiores, com a demolição de algumas paredes. Foi feita a remoção e substituição



memórias de um edifício

de pavimentos e tectos falsos, a reconversão de instalações sanitárias, a substituição das redes de água e esgotos e de combate a incêndios, e instalações eléctricas. A antiga fábrica foi pintada com um tom amarelo forte, distante do rosa carregado que tinha anteriormente.

No rés-do-chão foi instalada uma parte do museu e também um espaço de loja, uma cafetaria e um quiosque de acesso à Internet, montado em colaboração com a Telepac. O primeiro andar comporta a exposição permanente e ainda duas exposições temporárias ocupando cerca de 6.500 m<sup>2</sup> no total. O acesso à Fundação faz-se pela Rua D. Luís I e o acesso público ao museu pela Rua do Instituto Industrial.

A comunicação vertical dentro do edifício é feita por três núcleos de elevadores e escadas que funcionam como caminhos de evacuação.

Importante é referir a escada que se situa no espaço correspondente a um dos pátios interiores. Esta escada facilita o acesso dos visitantes aos pisos superiores e foi construída com elementos de aço, tornado-se aberta e dinâmica.

Na decoração dos espaços interiores foram utilizados materiais nobres, como a pedra, em pavimen-

tos e lambris, e a madeira, usada no revestimento de paredes. O aço, o vidro e o gesso foram alguns dos materiais que se aliaram à pedra e à madeira, de uma forma singular. O objectivo foi criar espaços simples mas ao mesmo tempo acolhedores, seguros e agradáveis de visitar, onde o passado, o presente e o futuro sejam lembrados e vividos por todas as gerações que por ali passem.

## ***A CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO: A FÁBRICA DA VAULTIER***

A sociedade comercial H. Vaultier & Companhia adquiriu, em 1944, ao Instituto Superior Técnico, a propriedade dos prédios onde está hoje situado o edifício sede da Fundação Portuguesa das Comunicações, pela quantia de 645 mil escudos. O projecto era da autoria do arquitecto João Simões, e a sua construção iniciara-se quatro anos antes, em três parcelas. A casa Vaultier, ao adquirir a propriedade das parcelas, pediu autorização para as fundir num único edifício, o que veio a acontecer em 1946, data em que finalmente se dá por concluída a obra.

O primeiro piso da fábrica era constituído pelo depósito e armazém de ferro para a construção



civil, pelas oficinas de reparação de viaturas de carácter agrícola e de serviço de incêndios, e ainda por uma garagem privativa. No segundo piso, situavam-se as fábricas de correias e puxados e no terceiro a fábrica de mangueiras, colagem e secagem das mesmas, uma sala de exposição do material fabricado e ainda um refeitório para 150 trabalhadores.

A estrutura do edifício, trabalho executado pelo engenheiro Alberto Carlos Garcia, é de betão armado. Devido à falta de varão de aço, visto a sua construção ter sido levada a cabo em pleno período de guerra, teve de recorrer-se à utilização do ferro nas placas, o que lhe confere um estilo abobadado. Na cobertura, por imposição camarária, foram utilizadas telhas apoiadas em estruturas metálicas. A fachada reflecte os condicionalismos de carácter construtivo impostos pelo Município.

Nesta, foi utilizada cantaria Cabriz, preferida pela sua robustez e pelo seu custo relativo.

As fachadas são ainda caracterizadas por um sistema de arcos, guarnecidos pelos socos, cujos fundos de lióz acentuam ainda mais a sua estrutura.

Os acabamentos são simples, dentro do racionalismo e funcionalismo marcante das instalações. No chão, foi utilizado piso de madeira nas zonas de fabrico e mosaicos nas instalações sujeitas a humidades ou em que a própria higiene do local assim o obrigue.

A ligação entre os vários serviços da então fábrica da Vaultier era estabelecida através de uma rua interna, com acesso ao exterior, permitindo a iluminação natural das diversas áreas de funcionamento.

O piso superior do edifício é caracterizado por uma parede marginal recuada, guarnecida de telha, o que reduz a altura aparente do mesmo. A razão para esta arquitectura prende-se com condicionalismos da própria câmara. O Município estabeleceu que a cércea não poderia exceder 12 metros, imposição de grande rigidez, sobretudo no local em questão. Daí o arquitecto ter recorrido a este esquema para contornar as exigências municipais.

*fachada do edifício:*

*o sistema de arcos*

*guarnecidos por socos*

*e a parede recuada,*

*revestida de telha,*

*constituem traços marcantes*

*da Sede da Fundação*



16

MUSEU DAS COMUNICAÇÕES

16



O edifício apresenta várias cores: o cinzento da cantaria Cabriz, o revestimento róseo ou aglomerado de pedra que garante os parâmetros superiores e a massa de telhas avermelhadas. É uma estrutura simples, mas de grande beleza, marcada pelo período em que foi construída.

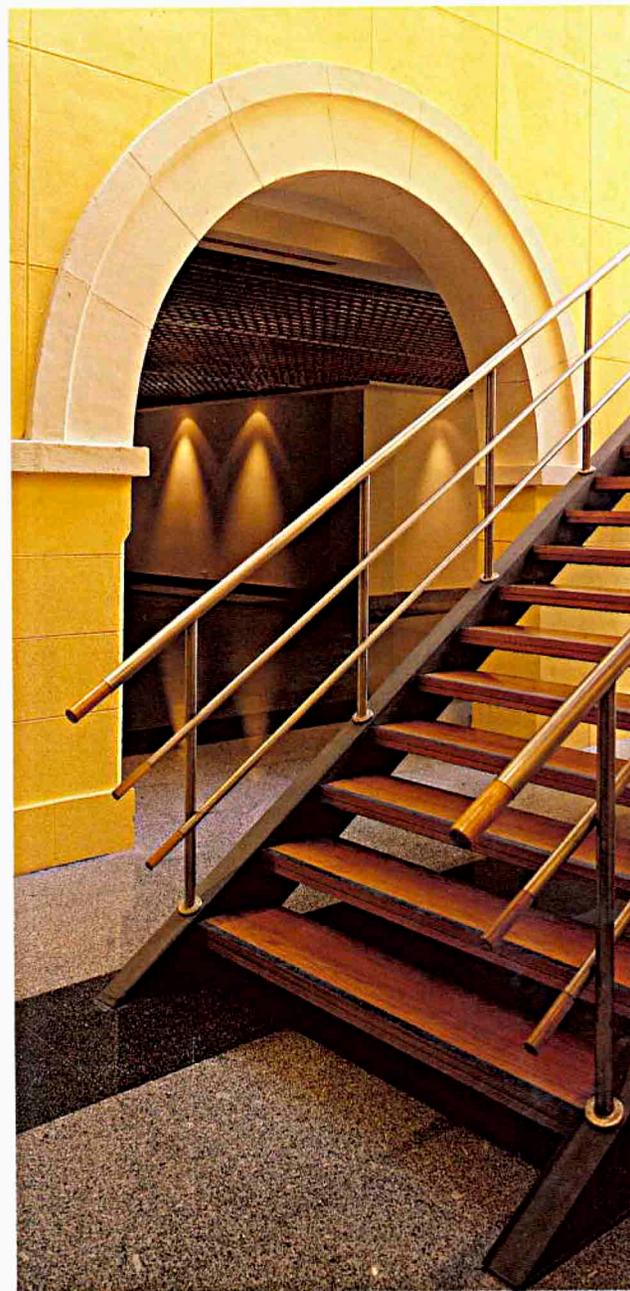
## DE FÁBRICA A CENTRAL DE TELEX

Em Agosto de 1969, a Administração Geral dos Correios, Telégrafos e Telefones adquire o edifício a Maxime Vaultier, dono da fábrica, por 27 mil contos. Iniciou-se então em 1970 a construção de um novo bloco de três pisos, destinado à instalação da nova central de Telex, inaugurada em Dezembro de 1973. O custo total do novo projecto ascendeu a mais de 40 mil contos.

O novo equipamento da central integrou-se num plano de remodelação e desenvolvimento das redes de telex e gentex, que visava principalmente fazer face ao crescimento destas redes. A rede nacional de telex encontrava-se dividida em três grandes zonas: Norte, Sul e Madeira, com terminais no Porto, em Lisboa e no Funchal. A nova central tinha comandos centralizados e selectores de coordenadas por meio de relés. Na taxação das comunicações dos assinantes, aplicavam-se dois processos diferentes: para as comunicações na rede nacional registavam-se os impulsos no contador privativo de cada posto e para as comunicações internacionais, o registo num equipamento centralizado para processamento das facturas em computador.

O custo total do equipamento da central de telex, incluindo aqui a formação de pessoal, ascendeu a 147 mil contos.

O magnífico edifício dos anos 40, na sequência da cisão dos CTT, foi atribuído à Portugal Telecom que, posteriormente, após acordo com os CTT – Correios de Portugal e ICP – Instituto das Comunicações de Portugal, foi pelos Instituidores legado à Fundação Portuguesa das Comunicações.





*em cima, à esquerda:*

*recepção e loja do Museu com*

*artigos da Fundação*

*e dos Instituidores,*

*para venda ao público.*

*em cima, à direita:*

*vista geral do espaço do Museu,*

*com diligência da mala-posta*

*de modelo belga, que fazia a*

*carreira Lisboa-Porto*

*entre 1855 e 1864*







*Em cima:*

*ainda o espaço do Museu  
na zona de veículos.*

*À esquerda, a ambulância  
destinada ao serviço da estação  
itinerante nos anos 50.*

*À direita, carrinha dos serviços  
técnicos de telecomunicações,  
destinada a trabalho  
de montagem de linhas,  
nos anos 60.*

*Ao fundo, modelo português  
da diligência da mala-posta,  
utilizada na carreira  
de Lisboa-Porto,  
entre 1855 e 1864*